
EDITORIAL**O BRINQUEDO NA PESQUISA EM ENFERMAGEM PEDIÁTRICA**

Fabiane de Amorim Almeida¹

O brinquedo vem se constituindo em tema de pesquisa para profissionais de diferentes categorias, especialmente, nas áreas da saúde e educação. Os enfermeiros contribuem de forma significativa para a produção científica sobre o assunto, e os primeiros registros de que se tem notícia sobre a importância do brincar para a criança são de autoria de Florence Nightingale⁽¹⁾.

Na segunda edição de seu livro “Notas sobre enfermagem”, Florence enfatiza que a brincadeira é indispensável para a recuperação adequada da criança frente à doença e hospitalização⁽¹⁾.

As pesquisas sobre o brincar tornaram-se mais frequentes a partir da segunda metade do século XX, quando as necessidades emocionais da criança passaram a ser valorizadas cada vez mais pelos profissionais que cuidam dela.

Considerando as diversas funções e modalidades do brinquedo e as inúmeras vantagens de seu uso para a criança, para quem o brincar é uma necessidade básica, esta atividade torna-se de grande relevância para o enfermeiro pediatra⁽²⁻⁴⁾.

Ao analisar as pesquisas realizadas na área da enfermagem pediátrica em nosso País, constata-se que o brinquedo evidenciou-se de maneira mais significativa a partir da década de 1970, com destaque para o brinquedo terapêutico.

Um fato que parece ter contribuído decisivamente, para que os enfermeiros se dedicassem mais ao estudo do brincar foi a introdução do ensino do brinquedo como instrumento de intervenção de enfermagem no cuidado à criança hospitalizada, pela Dra Ester Moraes, em 1967, na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo⁽¹⁾.

A partir de então, o brinquedo terapêutico passou a despontar como tema de pesquisa cada vez mais nas produções científicas brasileiras, de forma que, atualmente, há inúmeros trabalhos acadêmicos e publicações nacionais e internacionais realizados por enfermeiros, contemplando as mais diversas situações. Dentre elas, destaca-se seu emprego em diferentes contextos da assistência à criança como unidades básicas de saúde, hospitais, escolas e consultórios.

Há estudos que abordam o brinquedo terapêutico, como estratégia para compreender a experiência vivida pela criança diante da doença e hospitalização, da cirurgia, processo de luto, violência e conflito familiar, entre outras situações ameaçadoras que fazem parte do cotidiano infantil.

Por outro lado, outras pesquisas, enfocam o papel instrucional do brinquedo no preparo da criança e família para situações especiais, sobretudo aquelas relacionadas à realização de procedimentos hospitalares, como exames, administração de medicamentos, cirurgias, vacinas, etc.

A perspectiva do aluno e do docente em relação ao ensino do brinquedo terapêutico também tem sido

¹ Doutora em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo - USP, São Paulo (SP), Brasil.

enfocada nas pesquisas desenvolvidas por enfermeiros, assim como a percepção dos familiares, da equipe e da própria criança quanto a seu uso na prática.

Pesquisas mais recentes contemplam, ainda, a análise da produção científica dos enfermeiros sobre o assunto e as questões que permeiam a sessão de brinquedo terapêutico relacionadas a seu desenvolvimento, aos comportamentos apresentados pelas crianças e cuidados com a desinfecção dos brinquedos.

A perspectiva é que a produção científica sobre o brinquedo amplie-se cada vez mais, graças à contribuição dos grupos de estudo, como o Grupo de Estudos do Brinquedo (GEBRINq), do qual participo como pesquisadora. Vinculado ao CNPq, este grupo é aberto a diferentes profissionais, embora a maioria de seus membros seja composta de enfermeiros pediatras, destacando-se as discussões em torno de questões relacionadas ao uso do brinquedo/brinquedo terapêutico na prática de enfermagem.

A tendência atual exige que o profissional busque sempre evidências científicas para fundamentar sua prática e responder aos novos questionamentos e desafios que surgem. Estes se constituem na mola propulsora para o desenvolvimento de novas pesquisas e no avanço do conhecimento em relação ao brincar.

REFERÊNCIAS

1. Ribeiro CA, Maia EBS, Sabates AL, Borba RIH, Rezende M, Almeida FA. Mesa-redonda: o brinquedo e a assistência de enfermagem à criança. *Enferm atual* 2002; 2: 6-17.
2. Ribeiro CA, Borba, RIH, Rezende MA. O brinquedo na assistência à saúde da criança. Fujimori E, Ohara CVS. (organizadoras). *Enfermagem e a saúde da criança na atenção básica*. São Paulo: Manole, 2009.p.287-327.
3. Ribeiro CA, Almeida FA, Borba RIH. A criança e o brinquedo no hospital. In: Almeida FA, Sabates AL. *Enfermagem pediátrica: a criança, o adolescente e sua família no hospital*. São Paulo: Manole; 2008. p.65-73. Cap 8.
4. Almeida FA. Em busca da confiança necessária para viver criativamente pelo brincar: a criança diante da cirurgia cardíaca. [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2003.